



PUC-SP

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
(PUC-SP)**

Richardson Henrique Nelson

Quem quer que eu seja uma menina?

Transgênero na infância

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo – SP
2024

Richardson Henrique Nelson

Quem quer que eu seja uma menina?

Transgênero na infância

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica (Núcleo Método Psicanalítico e Formações da Cultura), sob a orientação do prof. dr. Alfredo Naffah Neto.

São Paulo– SP
2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovado em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Aos meus pais, Marilena Dora Beckert e Henry Baptista Nelson

AGRADECIMENTOS

Sempre ouvi que, ao compor um trabalho, deveríamos redigir os agradecimentos após completar o estudo. Vou aqui perverter essa ordem – o que, aliás, tem tudo a ver com o tema dessa dissertação. Irei começar agradecendo antes mesmo de escrevê-lo, pois estamos falando de inícios e não de finais. A centelha que fomenta, que dá origem à imaginação e à criatividade, muitas vezes acaba por ser tão mais importante que a própria obra final. E é, por isso, que eu começo exaltando as molas propulsoras que me fizeram chegar até aqui e poder despontar para uma nova jornada, cujo objetivo será, por meio da psicanálise, conhecer um pouco mais sobre o outro e sobre mim mesmo.

Agradeço a Alecxandro Luiz de Souza, meu companheiro, que sempre exaltou o que há de melhor em mim e foi defensor incansável do meu retorno aos estudos e à produção acadêmica. Aceitou-me como eu sou e viu nas nossas semelhanças e diferenças, um caminho comum de apoio mútuo e de amor incondicional.

À minha analista Eliana Ribas, que, por meio do acolhimento clínico e do nosso encontro de inconscientes, pôde despertar meu desejo pela descoberta psicanalítica e viu em mim muito mais oportunidades do que sintomas.

Ao meu orientador, professor dr. Alfredo Naffah Neto, que, em meio a tantos outros ótimos projetos, escolheu generosamente o meu para orientar. Logo no nosso primeiro encontro, e ainda com um tema bem amplo, o professor Naffah foi capaz de, em poucas palavras, estimular em mim a vontade de criar um recorte de pesquisa que me desse a liberdade de ousar e de descobrir novos caminhos.

Aos membros da banca, professor dr. Alexandre Patricio de Almeida e professora dr.^a Paula Regina Peron que aceitaram, de forma atenciosa, emprestar seus saberes e experiências na tarefa de me ajudar a dar forma a esse trabalho de tema tão polêmico, que suscita emoções pujantes e que permite uma diversidade infinita de visões, mesmo dentro da psicanálise.

Aos meus pais que, com todas as limitações impostas pela vida, mesmo sem conhecer uma palavra do que escreveu D. W. Winnicott, me proporcionaram um “ambiente suficientemente bom” para que eu pudesse me desenvolver e poder ocupar um lugar no mundo.

A Kiko e Cacau, meus amados filhos-cães da raça shih tzu, companheiros incansáveis de horas a fio passadas – e as que virão – entre livros e telas de computador.

A todos os meus colegas e professores da PUC-SP, que sempre trouxeram e trarão contribuições generosas, porém assertivas, que me ajudam muito, tanto no meu desenvolvimento quanto na minha formação contínua como psicanalista.

A todos que participarão durante o processo de elaboração desse trabalho, o meu muito obrigado.

P.S. Agradeço também à professora dr.^a Samantha Dubugras Sá pela revisão cuidadosa e criteriosa do texto.

NELSON, R. **Quem quer que eu seja uma menina? Transgênero na infância.** 2024. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). São Paulo, SP.

Orientador: prof. dr. Alfredo Naffah Neto.

RESUMO

Essa dissertação de mestrado investiga, com base nas teorias psicanalíticas de D. W. Winnicott e Robert J. Stoller, dois casos públicos de meninos que, durante a segunda e terceira infâncias, se vestem como meninas. A pesquisa parte da hipótese de que o comportamento transgênero nesses casos tem origens pré-edípicas. Esses comportamentos seriam influenciados pelo desejo inconsciente materno de ter uma menina, pela ausência da figura paterna, pela construção de um falso self patológico devido à intrusão ambiental e pela suspensão ou ausência do complexo de Édipo. Esse estudo trata-se de uma pesquisa teórico-clínica. Baseia-se no caso de B. apresentado no livro de Cassandra Pereira França, “Nem sapo, nem princesa: terror e fascínio pelo feminino”, e no caso de Sasha, relatado no documentário do diretor e roteirista francês Sébastien Lifshitz, intitulado “Pequena Garota” (Petite Fille, no original). O estudo articula a pesquisa bibliográfica com os dois casos mencionados e propõe uma releitura winnicottiana e stolleriana que não coincide, necessariamente, com as análises originais. Do ponto de vista winnicottiano, investiga-se a possibilidade de B. e de Sasha terem desenvolvido um falso self patológico em resposta à intrusão ambiental e ao desejo inconsciente das mães de que fossem meninas. Sob a ótica stolleriana, considera-se a não conquista da masculinidade devido aos bloqueios impostos pela mãe durante o processo de desidentificação, o que resultaria numa suposta suspensão do complexo de Édipo.

Palavras-chave: Falso self patológico, crianças transgêneros, suspensão do complexo de Édipo

NELSON, R. **Who wants me to be a girl? Transgender in the childhood.** Master's dissertation. Graduate Program in Clinical Psychology. Pontifical Catholic University of São Paulo (PUCSP). São Paulo, SP.

Dissertation Advisor: prof. dr. Alfredo Naffah Neto.

ABSTRACT

This master's dissertation investigates, based on the psychoanalytic theories of D. W. Winnicott and Robert J. Stoller, two public cases of boys who, during their second and third childhoods, dress as girls. The research starts from the hypothesis that transgender behavior in these cases has pre-Oedipal origins. These behaviors would be influenced by the unconscious maternal desire to have a girl, the absence of a paternal figure, the construction of a pathological false self due to the environmental intrusion, and the suspension or absence of the Oedipus complex. This study is a theoretical-clinical research. It is based on the case of B. presented in the book by Cassandra Pereira França, "Neither frog, nor princess: terror and fascination with the feminine, (Nem sapo, nem princesa: terror e fascínio pelo feminino, in the original)." and on the case of Sasha, reported in the documentary by French director and screenwriter Sébastien Lifshitz, titled "Little Girl" (Petite Fille, in the original). The study combines bibliographic research with the two mentioned cases and proposes a Winnicottian and Stollerian reinterpretation that does not necessarily coincide with the original analyses. From a Winnicottian perspective, it investigates the possibility that B. and Sasha developed a pathological false self in response to environmental intrusion and the unconscious desire of their mothers for them to be girls. From a Stollerian perspective, it considers the failure to achieve masculinity due to the blocks imposed by the mother during the disidentification process, which would result in a supposed suspension of the Oedipus complex.

Keywords: Pathological false self, transgender children, suspension of the Oedipus complex

*“É essencial compreender claramente que os conceitos de ‘masculino’ e ‘feminino’,
cujo significado parece tão inequívoco às pessoas comuns,
estão entre os mais confusos que ocorrem na ciência.”*
Sigmund Freud (1905)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	22
Protagonismo da figura materna.....	22
1.1. Relação mãe-bebê.....	25
1.2. Mãe suficientemente boa.....	29
1.3. Gesto espontâneo.....	34
1.4. Falhas ambientais e falso self patológico.....	37
1.5. Elementos femininos e masculinos puros.....	42
CAPÍTULO II.....	49
As origens do comportamento transgênero de B. e Sasha.....	49
2.1. Caso B.....	50
2.2. Caso Sasha.....	64
CAPÍTULO III.....	82
Uma possível masculinidade ameaçada.....	82
3.1. Angústia de simbiose e formação da masculinidade.....	84
3.2. Subvertendo o complexo de Édipo.....	87
3.3. Trauma e suspensão permanente do complexo de Édipo.....	91
3.4. Hostilidade e perversão.....	96
CAPÍTULO IV.....	101
Demanda de amor e hostilidade pela mãe em B. e Sasha.....	101
4.1. O trauma se converte em hostilidade.....	102
4.2. A ilha idílica chamada mãe.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS.....	128

INTRODUÇÃO

Em setembro de 2017, a exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, que acontecia no espaço Santander Cultural de Porto Alegre, foi cancelada pela entidade patrocinadora após uma série de protestos coordenados através das redes sociais, que acusavam a mostra de incentivar a pedofilia, zoofilia e ir contra os “bons costumes”. Uma das obras mais criticadas foi a série de pinturas intitulada “Criança Viada”, da artista Bia Leite. As telas mostravam ilustrações de meninos com frases como “criança viada travesti da lambada” e “criança viada rainha das águas”¹. De acordo com as críticas, tais dizeres e desenhos sexualizam a imagem infantil, além de colocarem as crianças dentro de um contexto humilhante e vexatório. Segundo a artista da obra, o objetivo do trabalho artístico é exatamente o oposto: dar maior visibilidade às crianças que fogem aos padrões heteronormativos e serem respeitadas do jeito que são.

O cancelamento da exposição foi muito discutido na internet e em outros meios de comunicação, sendo referenciada como uma das exposições brasileiras mais debatida e menos vista dos últimos anos. Essa polêmica se deu principalmente entre dois opostos: de um lado uma visão progressista, que denunciava o ato da interrupção como representação da intolerância e censura à diversidade sexual; e, do outro lado, um pensamento mais conservador, que via nas obras um desrespeito aos valores da família e um incentivo à homossexualidade infantil.

Queermuseu é apenas um dos exemplos que evidenciam que, apesar dos vários avanços recentes na discussão de temas como orientação sexual, identidade de gênero e sexualidade infantil – este último, cuja primeira formulação psicanalítica foi elaborada há muito tempo por Sigmund Freud (1856-1939), em seu texto de 1905, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” –, ainda enfrentamos uma significativa carga ideológica que permeia os conceitos acerca do masculino e do feminino. Essa influência ideológica tem se intensificado, principalmente com o desenvolvimento do mundo digital. Além disso, essa temática torna-se ainda mais sensível quando envolve o universo infantil, pois, além da carga ideológica, o viés moralista traz uma nova camada de fricção, difícil de ser superada.

A doutora em psicologia clínica, Cassandra Pereira França, em seu livro “Nem sapo, nem princesa: terror e fascínio pelo feminino” de 2017, conta o caso do menino B., filho primogênito que, aos 4 anos e 7 meses, chega à sua clínica trazido pelos pais porque gostava

¹ Acesso à notícia sobre a interrupção da exposição no site: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/museu-de-porto-alegre-encerra-exposicao-sobre-diversidade-apos-ataques-em-redes-sociais.ghtml>

muito de brincar com bonecas; vivia uma fantasia de ser menina e havia desenvolvido um comportamento transgênero.

Sobre essa questão, em capítulo ainda não publicado, intitulado “A construção de um falso *self* transgênero: uma releitura winnicottiana de um estudo de caso analisado numa perspectiva kleiniana”, Alfredo Naffah Neto (no prelo), em nota de rodapé, faz alusão ao significado antropológico da palavra *gênero*, citando o verbete do “Novo Aurélio Século XXI – O dicionário da língua portuguesa”, no qual sua definição corresponde a uma forma cultural estabelecida para a distinção sexual em cada sociedade, manifestado em papéis e status atribuídos a cada um dos sexos (Buarque de Holanda, 1999). A partir desse conceito, Naffah Neto (no prelo) define transgênero como: “alguém que se manifesta – seja em aparência, maneiras e ações – num *atravessamento* dessas identidades culturalmente definidas, dos papéis e *status* a elas atribuídos.”

Voltando ao livro da Cassandra, logo no início, quando relata as primeiras sessões, ela destaca a vergonha que os pais sentiam em relação aos “hábitos estranhos” de B. em fantasiar com elementos da feminilidade. Os pais da criança diziam: “aqui é uma cidade pequena, e todos ficam achando esquisito” (França, 2017, p. 35). A vergonha, o olhar julgador do outro, o incômodo e o medo do sofrimento, devido a uma suposta homossexualidade, traduzem-se em angústia, impedindo que a possível vontade inconsciente dos pais, de que o filho fosse uma menina, venha a ser revelada. Sutilmente, a autora nos lembra que, para Freud (1905/2016), masculino e feminino são conceitos e categorias extremamente confusos para a ciência, mesmo que pareçam muito claros e inequívocos no senso comum.

A autora traz diversos elementos na sua narrativa do caso clínico que mostram como a vontade dos pais, de que B. nascesse uma menina, surge como gênese e se manifesta tanto na submissão do pai perante os desejos inconscientes maternos – antes mesmo do nascimento do filho –, quanto na atitude castradora da mãe durante seu desenvolvimento infantil. França (2017) parte da hipótese de que o determinismo parental tem uma função primordial no caso do menino B., sendo uma das raízes que sustentava o alicerce da identificação do filho com os elementos do universo feminino. Adverte, ainda, sobre como esse determinismo parental – e eu destacaria no caso de B. também, o protagonismo exagerado da mãe – é central no processo clínico de análise da criança.

Não é apenas a vida de B. que está em desenvolvimento psíquico, mas igualmente a dos seus pais. O nascimento e o crescimento de um filho exigem dos genitores um novo olhar sobre a sua própria vida, sobre os seus desejos, traumas e angústias. Um filho faz com que os pais revivam o seu narcisismo, bem como a trajetória das suas próprias angústias, inclusive a mais importante, a da castração:

Por isso mesmo, tanto a maternidade quanto a paternidade representam passagens de uma etapa da vida para outra e requerem remanejamentos psíquicos que reatualizam a angústia de castração, pois ver-se diante de um desconhecido, o bebê, com toda a carga de atenção e desvelo que ele demanda, abala completamente o centramento narcísico reinante até então. (França, 2017, p. 37)

Sébastien Lifshitz, diretor e roteirista francês, lançou em 2020 um documentário intitulado no Brasil de “Pequena Garota” – no original *Petite Fille* –, contando a história de Sasha, uma criança de 7 anos com comportamento transgênero que, segundo o relato da mãe, sempre se percebeu como menina desde o seu nascimento. A sinopse oficial da obra descreve que o enredo está todo baseado em “como a sociedade falha em tratá-la como as outras crianças de sua idade – em sua vida diária na escola, nas aulas de dança ou nas festas de aniversário – sua família a apoia e trava uma batalha constante para fazer com que sua diferença seja compreendida e aceita”².

Entretanto, ao apreciar o documentário sob uma perspectiva psicanalítica, podemos ir além do que propõe a sinopse, sem desmentir, obviamente, a batalha social sobre a aceitação da diferença. É, justamente, na riqueza de detalhes, nas falas, nas sequências de imagens, na delicadeza da narrativa e, sobretudo, na presença materna constante diante dos acontecimentos cotidianos da vida de Sasha, que permitem gerar hipóteses psicanalíticas importantes acerca de uma forte intrusão ambiental. Essa intrusão envolve uma contundente imposição do desejo da mãe de ter uma menina ao seu lado, gerando como resposta um comportamento transgênero de Sasha desde muito cedo.

Ora, como pode Sasha saber que era uma menina desde o nascimento? Donald Woods Winnicott (1896-1971), em sua palestra “O recém-nascido e sua mãe” de 1964, nos alerta que, sobre uma perspectiva psicológica, o bebê nasce sem nenhum tipo de sofisticação e complexidade psíquica. Nas suas palavras:

É necessário reconhecer a diferença total que deve existir entre a psicologia da mãe e a do bebê. A mãe é uma pessoa sofisticada, complexa. Já o bebê, no início, é o oposto disso. Muitas pessoas têm enorme dificuldade em atribuir qualquer traço que possa ser chamado de “psicológico” a um bebê de poucas semanas, ou mesmo de poucos meses . . . Será que podemos dizer que existe uma expectativa de que as mães enxerguem

² <https://imovision.com.br/pequena-garota>

muito mais do que de fato há e de que os cientistas enxerguem apenas o que já foi comprovado? (1964/2020a, p. 48)

Dessa forma, cumpre suspeitar que a mãe de Sasha pudesse enxergar no filho muito mais o seu desejo de ter tido uma menina do que respeitar e deixar fluir, naturalmente, o *gesto espontâneo* da criança no seu processo de identificação com os elementos femininos e maternos. Isso ficará ainda mais evidenciado durante o presente trabalho, em que diversos exemplos da narrativa tentarão sustentar essa hipótese inicial.

Falar de comportamento transgênero, especialmente em crianças, não é algo indubitável, fácil ou fluido e nos exige um esforço teórico e prático para nos distanciarmos, a todo momento, das ideologias, conservadoras e progressistas, bem como dos dogmas morais. Esses dogmas tornam nossa compreensão e discussão sobre o tema empobrecidas e incapazes de ajudar a trazer à tona novos *insights* sobre por que algumas crianças, – aqui, em especial, os meninos –, se vestem de meninas durante sua infância. Tenho convicção de que uma investigação norteadas pelas teorias psicanalíticas ajudaria a entender melhor o tema e auxiliaria a investigar supostas raízes e funcionamentos, contribuindo ainda mais para um processo de normalização da plasticidade de gênero e da sexualidade infantil. Isso inclui também o processo de desenvolvimento libidinal, sempre atravessado pela singularidade do indivíduo e sua relação com o ambiente.

Saliento que o objetivo desse trabalho não é articular ou discutir as diferenças entre travestilidade, transexualidade e transgênero. Sabe-se que a travestilidade não determina necessariamente a identidade de gênero, pois são conceitos e categorias independentes que podem se entrelaçar durante o desenvolvimento sexual do indivíduo. Além disso, como os pacientes em questão são indivíduos supostamente em período edípiano ou em latência, nenhuma formação de gênero pode ser atribuída às crianças de forma definitiva. O desenvolvimento psicosexual se estabelecerá de maneira mais assertiva e constituída durante ou após o período da adolescência, quando ocorre, em princípio, uma revivência do complexo de Édipo.

A origem dessa dissertação de mestrado veio, em conjunto com as inquietudes mencionadas acima, também da minha descoberta da obra de Robert Jesse Stoller (1924-1991), psiquiatra e psicanalista norte-americano, que cunhou a distinção entre sexo (sentido anatômico) e identidade de gênero (sentido psíquico e social). Stoller, que se considerava freudiano puro, subverte a noção de que a transexualidade e a travestilidade estariam necessariamente atreladas a uma ideia de um fracasso perante a elaboração do complexo de

Édipo. Ele argumenta que essa leitura mais linear da teoria freudiana poderia levar a crer que a identidade de gênero se forma em resposta a esse fracasso. No entanto, segundo o autor estadunidense, ela estaria na ordem do pré-sexual, e sua gênese estaria relacionada à não entrada do indivíduo no complexo de Édipo.

Outra distinção importante proposta por Stoller é que o complexo de Édipo, como formulou Freud, não partiria mais de uma concepção do masculino em direção ao feminino, mas sim, do seu oposto. A masculinidade seria uma conquista e não um elemento dado. A postura negacionista da mãe diante do processo de desidentificação com a criança, essencial para a entrada do sujeito no complexo de Édipo, determinaria o desencadear de traços perversos e seus mecanismos de defesa. Uma atitude inconsciente da mãe fortemente contrária à separação do filho, de qualquer ordem ou natureza, não permitiria que o indivíduo sequer entrasse no processo, excluindo em definitivo o pai da cena edípica.

Ressalto também, o papel importante que tem o meu mergulho sobre a obra e os principais conceitos psicanalíticos de Winnicott para delinear o tema dessa dissertação. Renomado pediatra e psicanalista inglês, criou sua teoria com base no pressuposto teórico de que todo o ser humano nasce com uma *tendência inata ao amadurecimento*. Ele acreditava que, por meio dos cuidados ambientais incorporados, principalmente providos pela figura materna nos primeiros meses de existência, o indivíduo será capaz de *elaborar imaginativamente as funções corporais*³ e seguir sua trajetória de desenvolvimento.

As noções de *mãe suficientemente boa*, *verdadeiro e falso self*, *gesto espontâneo*, entre outras do extenso e complexo arcabouço teórico winnicottiano, que serão detalhadas e trabalhadas ao longo dessa dissertação, me ajudaram a compreender os possíveis caminhos dos casos que serão analisados aqui.

Durante o percurso dessa descoberta, me chamou muito a atenção que, segundo Winnicott, diferentemente do que Freud pensava, a sexualidade infantil não é algo dado e sempre presente desde o início da vida. Em vez disso, é uma construção ao longo do amadurecimento e, como qualquer elemento da psique humana, passa necessariamente pela *elaboração imaginativa das funções corporais*. A sexualidade infantil é, portanto, parte do processo de desenvolvimento da criança, podendo adquirir formas saudáveis, provenientes de inclinações instintivas ou respostas naturais e espontâneas da própria criança ao ambiente, ou patológicas, impostas pelo ambiente externo e ameaçadoras do seu Eu, não respeitando o seu *gesto espontâneo*.

³ O conceito da teoria winnicottiana de *elaboração imaginativa das funções corporais* será abordado no item 1.2 do capítulo I dessa dissertação.

Assim, o objetivo central dessa dissertação de mestrado será fazer uma leitura winnicottiana, trazendo também aproximações com o pensamento de Stoller, dos dois casos de transgeneridade mencionados acima. A hipótese principal do estudo é de que o comportamento transgênero nesses dois casos especificamente se dá por elementos que têm origens pré-edípicas, no excessivo protagonismo do desejo inconsciente da figura materna de ter tido uma menina, no intangível e inalcançável da figura paterna, na construção de um falso self patológico em resposta à intrusão ambiental e na não entrada ou na suspensão permanente do complexo de Édipo.

Esse estudo se trata de uma pesquisa teórico-clínica (Almeida & Naffah Neto, 2020) e, para investigar a hipótese principal, serão realizados:

1. Pesquisa em psicanálise de estudos de casos clínicos já publicados;
2. Revisão bibliográfica, principalmente, das teorias de Winnicott e Stoller, bem como da aplicação dos seus conceitos acerca da temática proposta;
3. Levantamento bibliográfico de artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de outras publicações acerca do objeto da pesquisa e de temas correlacionados;
4. Pretende-se também articular, ao longo da dissertação, a pesquisa bibliográfica com os dois casos mencionados, fazendo uma releitura que não coincide, necessariamente, com as análises ou teses apresentadas originariamente pelos autores dos relatos.

Ainda sobre o método, é fundamental enfatizar que a psicologia clínica, especialmente na abordagem psicanalítica, destaca-se pelo uso de casos clínicos como forma fundamental de pesquisa e compreensão da psique humana. A escolha de pesquisadores psicanalistas em incorporar relatos detalhados em suas investigações está enraizada na riqueza e complexidade das experiências individuais. Esses casos, que consistem em narrativas minuciosas e protocolos de sessões terapêuticas, são ferramentas cruciais para ilustrar dinâmicas intrapsíquicas e inter-relacionais sempre na sua singularidade.

Nós, pesquisadores e psicanalistas, valorizamos os casos clínicos porque oferecem uma visão profunda da complexidade da dimensão inconsciente do ser humano. Esses relatos proporcionam uma compreensão única das resistências, das transferências e dos processos de simbolização, temas centrais em qualquer linhagem psicanalítica. Como é de praxe, o uso desses casos permite que a pesquisa psicanalítica vá além de generalizações abstratas e desmedidas, fornecendo uma base empírica sólida para teorias psicanalíticas. A singularidade

de cada caso destaca a variabilidade na expressão de fenômenos psíquicos, enriquecendo a compreensão da diversidade da experiência humana, e isso não difere nos exemplos de B. e de Sasha.

Obviamente, cuidados na utilização de casos clínicos devem ser tomados, tais como a preservação da confidencialidade e a obtenção prévia do consentimento informado dos pacientes, práticas éticas essenciais. Os participantes devem compreender como suas informações serão utilizadas em um contexto de pesquisa, sempre considerando fatores culturais, sociais e históricos. Nessa dissertação, como trabalharei com casos já publicados, é assumido que esses cuidados foram observados pelos autores.

Considero que a reflexividade sobre as próprias influências e preconceitos é crucial para uma interpretação precisa de cada caso clínico, mesmo num processo de releitura, evitando sempre a generalização, pois cada caso sempre será único, assim como sua análise. O foco deve estar sempre na compreensão aprofundada, e no revelar da diversidade das possibilidades da psique humana, ao invés de diagnósticos apressados ou constatações massificantes.

Como os casos trabalhados aqui já foram publicados, é importante destacar que essa dissertação não tem como objetivo fazer uma crítica às versões ou análises apresentadas nos casos de B. e Sasha. O que pretendo é apresentar uma nova perspectiva, analisando os casos através das lentes psicanalíticas de Winnicott e Stoller. Não se trata de desmerecer, rivalizar ou desqualificar, de forma alguma, as intenções, hipóteses, análises e conclusões de Cassandra Pereira França e Sébastien Lifshitz em suas respectivas obras. Pelo contrário, devemos reconhecer a enorme contribuição que a autora oferece com sua análise de perspectiva kleiniana no caso de B., assim como a importante crítica social e política feita pelo cineasta ao abordar o tema do transgênero Sasha numa sociedade contemporânea que ainda enfrenta dificuldades para aceitar a diferença como algo normal e do humano.

Ademais, gostaria de enfatizar que essa dissertação não tem a intenção de generalizar suas conclusões. Nem todos os casos de comportamento transgênero em meninos na infância se apresentam da mesma forma que os casos de B. e de Sasha. O objetivo aqui é simplesmente ampliar as possibilidades de hipóteses psicanalíticas sobre o tema, reconhecendo que certamente existem vários casos com pontos e ângulos semelhantes aos analisados nesse trabalho.

Com relação à hipótese das crianças, nos casos estudados, terem desenvolvido um comportamento transgênero a partir de um falso self patológico, é importante esclarecer que não estou avaliando aqui a questão do gênero em si, ou seja, se a condição transgênero é

patológica ou não. Com o apoio da teoria winnicottiana, estou analisando a questão do *ser* e do *reagir*, independentemente dessas crianças terem se identificado com o gênero masculino ou feminino. Conforme o conceito de saúde em Winnicott, se existe uma imposição de fora para dentro, essa condição será sempre patológica. Se a criança é engolfada pelo ambiente ou, no caso, pelo desejo materno, isso é patológico e não o comportamento transgênero em si.

O que será analisado aqui é um intrincamento entre a condição transgênero e a questão do *ser*; é um entrelaçamento entre as duas dimensões. Importante ressaltar que nem todo comportamento transgênero é, ou será patológico, mas que, em alguns casos, ele pode ser. Tanto o caso de B. quanto o de Sasha, que serão discutidos nessa dissertação, não podem servir de exemplo para todos os casos transgêneros na infância. Certamente, existem situações em que as crianças desenvolvem um comportamento transgênero e não se encontram encapsuladas pelo desejo da mãe ou subjugadas às vontades do ambiente; pelo contrário, estão seguindo o seu gesto espontâneo e isso é, segundo os preceitos winnicottianos, totalmente saudável. Dessa maneira, pretendo deixar claro ao longo do texto que o termo patológico, usado nesse contexto, não se refere à condição transgênero em si, mas sim à maneira como se desenvolveu nas personalidades das crianças.

Outro ponto importante a destacar é que, nos casos analisados nessa dissertação, não estou associando a patologia à dimensão homossexual e a normalidade à dimensão heterossexual. O que pretendo ressaltar nesse trabalho são os preceitos e pressupostos epistemológicos dos autores escolhidos, especialmente no que diz respeito à submissão da criança às determinações ambientais. O conceito de patologia usado aqui não tem relação com a questão heteronormativa, embora reconheça a existência das críticas em relação à psicanálise, especialmente nas discussões sobre transidentidades⁴.

Falarei, portanto, sobre a submissão da criança às demandas ambientais. Aliás, se analisarmos de forma cuidadosa, o critério patológico para Winnicott é totalmente antinormativo. Saudável é o indivíduo que, segundo o psicanalista inglês, se desenvolve a partir de seu gesto espontâneo, sem se subjugar necessariamente às injunções ambientais, ou seja, aos padrões culturais e normativos vigentes. O que é patológico nos casos de B. e Sasha não é o fato de se identificarem como meninas ou de terem desenvolvido um comportamento transgênero na infância; é o fato de fazê-lo por sujeição ao desejo excessivo

⁴ Citando Thamy Ayouch, Patricia Porchat (2020) explica que o termo transidentidades marcaria uma ideia de “pluralidade das construções de gênero” (p. 7), direcionado ao campo das identidades, tentando se distanciar dos termos transexual e travesti que, segundo a autora, estariam contaminados pelo discurso médico e, por conseguinte, relacionados com doença.

da mãe. Isso, sim, é patológico. É a passividade diante da exigência ambiental que leva ao patológico, e não o comportamento transgênero em si.

Na introdução sobre o caso B., França destaca o grande preconceito que paira sobre a psicanálise, frequentemente vista com um discurso moralista e heteronormativo, no qual o interesse pelas questões da sexualidade é interpretado como uma forma de perpetuar a lógica binária de gênero. Segundo as críticas, a psicanálise não admite os movimentos preconceituosos dentro do próprio discurso, que muitas vezes trabalharia para corrigir as identificações tidas como homossexuais ou desviantes. A autora acredita que qualquer um que se dedique de forma mais assertiva a estudar, com profundidade, qualquer uma das teorias psicanalíticas perceberia, de antemão, que a sua proposta terapêutica está associada à “assunção dos desejos mais recônditos do sujeito” (França, 2017, p. 25), o que impossibilitaria qualquer tipo de tentativa de correção. Citando a filósofa americana Judith Butler, que lança uma reflexão crítica em relação à ideia de uma obrigatoriedade de sermos homens e mulheres e que refuta, veementemente, o conceito clássico de gênero, França retoma a narrativa de Butler ao afirmar que a existência de dois órgãos genitais distintos não deveria determinar um binarismo de gênero, já que o corpo não consegue sustentar uma verdade sobre a sexualidade humana:

Por concordar com essa premissa e por reconhecer quão parco é nosso conhecimento sobre as identificações primárias, julgo ser importante estudar os primórdios da construção da identidade sexual, em primeiro lugar porque, “como Foucault assinala, o sexo acabou por caracterizar e unificar não apenas as funções biológicas e os traços anatômicos, mas as atividades sexuais, assim como uma espécie de núcleo psíquico que dá pistas para um sentido essencial ou final para a identidade” (Butler, 2008, p. 91). Em segundo lugar, porque, como diz Bleichmar, “a enunciação de gênero se inscreve na identidade nuclear do ego, antes que a criança reconheça sua correlação com a genitalidade” (2000, p. 3), vale dizer numa época em que o inconsciente ainda está em vias de constituição. (França, 2017, p. 26)

Eu concordo veementemente com Butler e França. Quanto maior for o número de estudos e análises sobre o tema, e quanto mais soubermos sobre os primórdios da construção da identidade sexual, ou melhor dizendo, das “identificações múltiplas em permanente movimento” – como cita a cineasta e psicanalista Miriam Chnaiderman (2017, p. 16) no prefácio do livro de França –, melhor poderemos demonstrar que somente o corpo, em seu aspecto biológico, não sustenta uma verdade sobre a multiplicidade da sexualidade humana.

É exatamente por isso que escolho Winnicott e Stoller como autores pilares para essa dissertação, pois acredito que podem nos ajudar, cada um ao seu modo, a entender os primórdios da construção da identidade sexual. Stoller aborda o tema de maneira mais específica, pois dedicou sua vida e contribuição acadêmica para isso; e Winnicott, por meio da teoria do amadurecimento, pode lançar luz a uma nova perspectiva de entendimento da evolução psíquica do indivíduo e de suas relações com o ambiente e com os objetos. Percebo ainda, que os estudos em psicanálise sobre a questão de gênero continuam muito concentrados em Freud, na escola francesa e na psicanálise do ego americana. Pouco tem sido discutido sobre a contribuição da escola psicanalítica inglesa para o tema das questões de gênero, o que vejo como uma grande oportunidade de produção de novos conhecimentos.

Acerca da estrutura da dissertação, no primeiro capítulo, irei discorrer sobre a ideia do protagonismo da função materna para Winnicott e a importância de entendermos esse fenômeno para que se possa compreender melhor a estruturação e o desenvolvimento psíquico da criança e a sua relação com a mãe. Isso dará um repertório conceitual importante, que me permitirá analisar os casos de B. e de Sasha já sob a ótica da teoria do amadurecimento emocional winnicottiana.

Já no segundo capítulo, disserto sobre as origens pré-edípicas dos comportamentos transgêneros em questão, detalhando não só ambos os casos, mas também explorando a ideia dos desejos inconscientes dos pais, principalmente os da mãe, e a sua influência no desenvolvimento libidinal do filho menino. Por meio do conceito de falso self patológico de Winnicott, explanarei como o comportamento transgênero de B. e de Sasha poderia ser considerado uma casca que encobre o verdadeiro self, em resposta aos avanços conscientes e inconscientes da vontade das mães de uma não separação dos filhos. Averiguarei os possíveis modos saudáveis e patológicos desse protagonismo materno e destacarei prováveis respostas e mecanismos de defesa do Eu nos meninos durante a infância, nos casos em que a mãe não respeita o gesto espontâneo da criança e impõe o seu desejo excessivamente, gerando falhas ambientais no seu processo de desenvolvimento.

No terceiro capítulo, investigarei o papel que o processo de desidentificação da figura materna desempenha na construção da masculinidade. Analisarei também a possível dificuldade de algumas mães em dar espaço para o desenvolvimento emocional da criança e a não elaboração da angústia de simbiose, que seria, segundo Stoller (1975/2014), um fator ameaçador e coercitivo na conquista da masculinidade. Nos casos analisados, a hipótese é que, ao se vestirem como meninas, B. e Sasha estariam utilizando mecanismos de defesa da ordem do perverso que, juntamente com os empecilhos impostos pelas suas mães no

processo de desidentificação, resultariam na possibilidade de não entrada das crianças no complexo de Édipo ou da sua suspensão definitiva, devido a uma forte ameaça à conquista da masculinidade. O horror e a negação da castração da mãe, bem como a tentativa de exclusão definitiva da figura do pai na cena edípica, geram uma angústia excessiva na criança e marcam a hostilidade do menino em relação ao objeto identificado, ou seja, a figura materna.

Na sequência, percorrerei os sentimentos de raiva, medo e hostilidade desenvolvidos por B. e Sasha em relação à mãe e ao ambiente. Esses sentimentos parecem se manifestar em um movimento ambivalente no qual, ao mesmo tempo, a criança responde aos anseios e vontades inconscientes da mãe na tentativa de conquistar o seu amor, mas também inveja o mundo feminino. A criança sente raiva da sua identificação inicial com a mãe, medo de não conseguir escapar da sua órbita e desejos de vingar-se dela por tê-la colocado nessa condição. O comportamento transgênero de B. e de Sasha seria, segundo a teoria stolleriana, um ato de reprodução de uma cena perversa, baseada em fetiches por representações femininas que encobrem, na verdade, a suposta falha do menino rumo à conquista da sua masculinidade.

Por fim, trago algumas considerações finais sobre os impactos do comportamento transgênero em resposta à demanda materna: o enclausuramento do gesto espontâneo da criança, as dificuldades na construção da identidade de gênero e possíveis manejos clínicos, tanto para os indivíduos supostamente identificados quanto para os pais. Além disso, abro espaço para questões não esgotadas pelas articulações teóricas produzidas nesse estudo.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A. P. (2023). *Por uma ética do cuidado: Winnicott para educadores e psicanalistas: Volume 2. Blucher.*
- Almeida, A. P. (2024). Reflexões sobre sexualidade e gênero na perspectiva de D. W. Winnicott. *Revista Estilos da Clínica*, 29(1), 86-102. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v29i1p86-102>
- Almeida, A. P. & Naffah Neto, A. (2020). *A pesquisa em psicanálise na universidade: um enfoque no método por meio de exemplos.* EDUC.
- Bleichmar, S. (2000). *El transexualismo infantil, un modo reconstitutivo de identificación.* Actualidad Psicológica, 25(281), pp. 2-5.
- Butler, J. (2008). Inversões sexuais. In I. C. F. Passos (Org), *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade.* Autêntica Editora.
- Chnaiderman, M. (2017). Prefácio. In C. P. França, *Nem sapo, nem princesa: terror e fascínio pelo feminino.* Blucher.
- Cunha, E. L. (2021). *O que aprender com as transidentidades: psicanálise, gênero e política.* Criação Humana.
- Dias, E. O. (2017). *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott.* DWW Editorial.
- Ferenczi, S. (2011). A adaptação da família à criança. In S. Ferenczi, *Obras completas* (vol. 4). Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1928)
- Ferenczi, S. (2011). Reflexões sobre o trauma. In S. Ferenczi, *Obras completas* (vol. 4). Martins Fontes. (Trabalho publicado postumamente em 1934)
- Ferraz, F. C. (2010). *Perversão.* Ed Casa do Psicólogo.
- Ferraz, F. C. (2010). *Tempo e ato na perversão.* Ed Casa do Psicólogo.
- Ferraz, F. C. (2014). Apresentação. In R. J. Stoller, *Perversão: a forma erótica do ódio.* Hedra.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber.* Edições Graal. (Trabalho originalmente publicado em 1976)
- França, C. P. (2017). *Nem sapo, nem princesa: terror e fascínio pelo feminino.* Blucher.
- Freud, S. (2010a). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1915)

- Freud, S. (2010b). “Batem numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 14). Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1919)
- Freud, S. (2010c). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 14). Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1920)
- Freud, S. (2011a). O Eu e o Id. In S. Freud. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 16). Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1923)
- Freud, S. (2011b). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 16). Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1924)
- Freud, S. (2011c). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 16). Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1924)
- Freud, S. (2014). O fetichismo. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 17). Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1927)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 6). Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1905)
- Fulgencio, L. (2004). A noção de trauma em Freud e Winnicott. *Natureza Humana*, 6(2), 255-270. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v6n2/v6n2a03.pdf>
- Klein, M. (1985). Inveja e gratidão. In M. Klein, *Obras completas*. (vol. II). Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1957)
- Kosovski, G. F. (2016). Lacan e o transexual de Stoller. *Trivium Estudos Interdisciplinares*, 8(2), 133-142. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v8n2/v8n2a04.pdf>
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário de psicanálise*. Martins Fontes.
- Laurentiis, V. R. F. (2016). *Corpo e psicossomática em Winnicott*. DWW.
- Lebrun, J.-P. (2021, 11 de junho). À propos de “Petite Fille” (2). Groupe Niçois de Psychanalyse Lacanienne. <https://www.gnipl.fr/2021/01/16/jean-pierre-lebrun-a-propos-de-petite-fille-2/>
- McDougall, J. (1991). *Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clínica psicanalítica*. Artes Médicas.
- McDougall, J. (1997). *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. Martins Fontes.

- Naffah Neto, A. (2019). Em primeira pessoa. *Natureza Humana*, 21(2), 211-219.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v21n2/v21n2a15.pdf>
- Naffah Neto, A. (2023). A problemática da sexualidade infantil, segundo D. W. Winnicott: desfazendo mal-entendidos. In *Veredas psicanalíticas: à sombra de Winnicott*. Blucher. (Trabalho originalmente publicado em 2014)
- Naffah Neto, A. (no prelo). A construção de um falso self transgênero: uma releitura winnicottiana de um estudo de caso analisado numa perspectiva kleiniana. In A. P. Almeida, *Psicanálise, homossexualidades e gênero*. Zagodoni.
- Porchat, P. (2014). A transexualidade hoje: questões para pensar o corpo e o gênero na psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(4), 115-124.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v48n4/v48n4a11.pdf>
- Porchat, P., & Ofsiany, M.C. (2020). Quem habita o corpo trans? *Revista Estudos Feministas*, 28(1), 1-12.
<https://www.scielo.br/j/ref/a/R6pDSMf8Wj3Tnt4ykBBXPPN/?format=pdf&lang=pt>.
- Preciado, P. B. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Zahar.
- Reitter, J. N. (2021). *Édipo gay: heteronormatividade e psicanálise*. Zagodoni.
- Rosa, C. D. (2022). *A paternidade em Winnicott*. DWW editorial.
- Stoller, R. J. (1974). *Sex and gender, the development of masculinity and femininity*. Karnac. (Trabalho originalmente publicado em 1968)
- Stoller, R. J. (1982). *A experiência transexual*. Imago. (Trabalho original publicado em 1968)
- Stoller, R. J. (1993). *Masculinidade e feminilidade: apresentação de gênero*. Artes Médicas. (Trabalho originalmente publicado em 1964)
- Stoller, R. J. (1998). *Observando a imaginação erótica*. Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1985)
- Stoller, R. J. (2014). *Perversão: a forma erótica do ódio*. Hedra. (Trabalho originalmente publicado em 1975)
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Imago. (Trabalho publicado postumamente em 1988)

- Winnicott, D. W. (1994a). "O medo do colapso". In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Orgs.), *Explorações psicanalíticas*. Artes Médicas. (Trabalho originalmente publicado em 1963)
- Winnicott, D. W. (1994b). "A importância do setting no encontro com a regressão na psicanálise". In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Orgs.), *Explorações psicanalíticas*. Artes Médicas. (Trabalho originalmente publicado em 1964)
- Winnicott, D. W. (1994c). "Os elementos masculinos e femininos ex-cindidos encontrados em homens e mulheres". In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Orgs.), *Explorações psicanalíticas*. Artes Médicas. (Trabalho originalmente publicado em 1966)
- Winnicott, D. W. (1994d) "O conceito de regressão clínica comparado com o de organização defensiva". In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Orgs.), *Explorações psicanalíticas*. Artes Médicas. (Trabalho originalmente publicado em 1967)
- Winnicott, D. W. (1999). O desenvolvimento do sentido de certo e errado de uma criança. In D. W. Winnicott, *Conversando com os pais*. Martins fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1962)
- Winnicott D. W. (2011a). O primeiro ano de vida: concepções modernas do desenvolvimento emocional. In D. W. Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual*. Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1958)
- Winnicott, D. W. (2011b). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In D. W. Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual*. Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1960)
- Winnicott, D. W. (2012a). Influências de grupo e a criança desajustada: o aspecto escolar. In D. W. Winnicott, *Privação e delinquência*. Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1955)
- Winnicott, D. W. (2012b). A psicologia da separação. In D. W. Winnicott, *Privação e delinquência*. Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1958)
- Winnicott, D. W. (2019a). *O brincar e a realidade*. Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1971)
- Winnicott, D. W. (2019b). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1951)
- Winnicott, D. W. (2020a). "O recém-nascido e sua mãe". In D. W. Winnicott, *Bebês e suas mães*. Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1964)

- Winnicott, D. W. (2020b). A dependência nos cuidados com a criança. In D. W. Winnicott, *Bebês e suas mães*. Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1970)
- Winnicott, D. W. (2021a). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1945)
- Winnicott, D. W. (2021b). A mente e a sua relação com o psicossoma. In: D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1949)
- Winnicott, D. W. (2021c). A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1950-55)
- Winnicott, D. W. (2021d). Preocupação Materna Primária. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1956)
- Winnicott, D. W. (2021e). “O conceito de falso self”. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa*. Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1964)
- Winnicott, D. W. (2021f). “O conceito de indivíduo saudável”. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa*. Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1967)
- Winnicott, D. W. (2022a). A teoria do relacionamento pais-bebê. In D. W. Winnicott, *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1960)
- Winnicott, D. W. (2022b). Distorção do ego em termos de self verdadeiro e falso self In D. W. Winnicott, *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1960)
- Winnicott, D. W. (2022c). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. W. Winnicott, *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1963)
- Winnicott, D. W. (2022d). O desenvolvimento da capacidade para a consideração. In D. W. Winnicott, *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1963)